

CENTRO UNIVERSITÁRIO REDENTOR - UNIREDENTOR
CURSO: PSICOLOGIA

Maria Izabel Ramos de Almeida

A MATERNIDADE E A MULHER: UM OLHAR PSICANALÍTICO

Itaperuna

2021

Maria Izabel Ramos de Almeida

A MATERNIDADE E A MULHER: UM OLHAR PSICANALÍTICO

Monografia apresentada à
UniRedentor como parte dos
requisitos para a obtenção do título
de bacharel em Psicologia

Orientadora: Camilla Paiva Silva Crespo

Itaperuna
2021

FOLHA DE APROVAÇÃO

Acadêmica: Maria Izabel Ramos de Almeida

Título: A MATERNIDADE E A MULHER: UM OLHAR PSICANALÍTICO

Natureza: Trabalho de Conclusão de Curso – TCC

Objetivo: Título de Bacharel em Psicologia

Instituição: UniRedentor

Área de concentração: Psicologia

Aprovada em: ____/____/____

Banca Examinadora:

Prof. Me. Camilla Paiva Silva Crespo

Orientadora

UniRedentor

Prof. (colocar titulação – Esp. Me. Ou Dr.)

UniRedentor

Prof. (colocar titulação – Esp. Me. Ou Dr.)

UniRedentor

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho à todas as mulheres!

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à Deus que me deu forças e foi o meu maior refúgio em todas as madrugadas que eu me desesperava enquanto construía o trabalho.

À Camilla Crespo, pela aposta nesse estudo, pelo acolhimento e pela possibilidade de ser sua orientanda. Tive a honra de me encontrar com a psicanálise na graduação através da belíssima transmissão desejante da Camilla Crespo que pude ter ao longo da graduação.

À, Maria Aparecida, minha querida mãe, pelo seu amor, e pela honra de ser sua filha. Ao Sebastião, meu querido pai, pelo seu amor e preocupação. Ao Mateus, meu amado noivo, por todo amor, carinho e cuidado. E que segurou firme nas minhas mãos e caminhou comigo quando pensei em desistir e tive medo.

Às minhas amigas, Maria Eduarda e Ewellyn Brum, pela amizade e as belas e profundas gargalhadas durante o percurso.

À todos meus colegas de caminhada da graduação e aos professores que sempre foram tão acolhedores.

RESUMO

O presente estudo teórico tem como objetivo verificar o que leva a mulher a desejar a maternidade a partir da lógica da constituição de sujeito para a psicanálise, especificamente em Freud e Lacan. Para alcançar o objetivo proposto apresenta de forma sucinta alguns conceitos freudianos acerca da feminilidade e parte do avanço que Lacan realizou a partir da obra de Freud através dos autores contemporâneos que se debruçam sobre a teoria lacaniana. O trabalho se constitui de dois principais capítulos e um terceiro capítulo que traz a conclusão acerca do lugar da maternidade na vida da mulher. No primeiro capítulo é apresentado brevemente o contexto histórico da maternidade no Ocidente, desde a antiguidade até a contemporaneidade, com o intuito de ter uma visão sobre a maternidade nos diferentes momentos. No segundo capítulo busca-se averiguar a perspectiva da psicanálise sobre a feminilidade, tanto no que se refere à obra de Freud quanto à de Lacan. Freud entende a maternidade como uma solução fálica para o Complexo de castração, visto que o filho é o objeto fálico equivalente ao órgão masculino. Lacan, não delimitou apenas a lógica fálica, ele também se propôs a pensar sobre a lógica não-toda. Através dessa outra lógica há a perspectiva do Outro gozo, complementar ao gozo fálico, representando a posição feminina que diverge a posição histórica, em que a única forma de gozo é sendo o falo para o Outro ou sendo mãe, ou seja, ter um filho que equivale ao substituto fálico. Essa modalidade de gozo – a saber o Outro gozo - fez Lacan afirmar que toda mulher é não toda, ou seja, não toda direcionada pelo gozo fálico e, portanto, A Mulher não existe. O último capítulo apresenta o lugar da maternidade na vida da mulher referido na lógica fálica de Freud e a lógica não-toda de Lacan. A maternidade se diverge, nas duas concepções, pautada na busca pela equivalência do objeto fálico em Freud e na possibilidade de dois gozos concedidos à mulher em Lacan.

Palavras-chave: Feminilidade; Mulher; Maternidade; Psicanálise.

ABSTRACT

This theoretical study aims to verify what leads women to desire motherhood from the logic of the constitution of a subject for psychoanalysis in psychoanalytic theory, specifically in Freud and Lacan. In order to achieve the proposed objective, it presents in a succinct way some Freudian concepts about femininity and part of the advance that Lacan made from Freud's work through contemporary authors who focus on Lacanian theory. The work consists of two main chapters and a third chapter that brings the conclusion about the place of motherhood in the woman's life. In the first chapter, the historical context of motherhood in the West is briefly presented, from ancient times to contemporary times, in order to have a view on motherhood at different times. The second chapter seeks to investigate the perspective of psychoanalysis on femininity, both in Freudian and Lacanian perspectives. Freud understands motherhood as a phallic solution for the Castration Complex, since the child is the phallic object equivalent to the male organ. Lacan, not only delimited phallic logic, he also proposed to think about not-all logic. Through this other logic there is the perspective of the Other jouissance, complementary to the phallic jouissance, representing the feminine position that diverges from the hysterical position, in which the only form of jouissance is being the phallus to the Other or being a mother, that is, having a child which is equivalent to the phallic substitute. This type of jouissance made Lacan claim that every woman is not all, that is, not all directed by phallic jouissance and, therefore, The Woman does not exist. The last chapter presents the place of motherhood in the woman's life based on Freud's phallic logic and Lacan's not-all logic. Motherhood diverges, in the two conceptions, based on the search for the equivalence of the phallic object in Freud and the possibility of two enjoyments granted to women in Lacan.

Key words: Femininity; Women; Maternity; Psychoanalysis.

Sumário

Introdução.....	11
Capítulo 1- A história da maternidade no ocidente.....	13
A inexistência da mulher e da mãe.....	13
A desvalorização da maternidade.....	14
Maternidade na Modernidade: a ausência do amor materno?.....	16
O lugar da maternidade na contemporaneidade.....	17
Capítulo 2- A perspectiva da feminilidade na psicanálise.....	19
Sexualidade: conceito em Freud.....	19
Fase pré-edipiana.....	22
Complexo de castração.....	24
Complexo de Édipo e estágio de espelho.....	26
Metáfora Paterna.....	29
Nome-do-Pai/Lei do Pai.....	30
A lógica fálica e a lógica não-toda.....	31
A lógica fálica: gozo fálico (gozo masculino) e gozo do Outro (gozo da histérica).....	31
A lógica não-toda: o Outro gozo.....	31
Capítulo 3- O lugar da maternidade na vida da mulher.....	32
Considerações finais.....	34
Referências bibliográficas.....	35

INTRODUÇÃO

A vida em sociedade leva o sujeito a exercer papéis sociais no contexto em que vive (BADINTER, 1985). Ao longo da história e de acordo com a cultura na qual a mulher está inserida, seus papéis sociais foram sendo estabelecidos e modificados de acordo com a ideologia da época, bem como a relação da mulher com a maternidade.

A maternidade é um fenômeno que socialmente foi sendo construído como pertencente à mulher, porém nem sempre foi visto dessa forma, dado que a existência da mulher não era relevante (BARBOSA, 2016). Atualmente a mulher pode optar por ter ou não filhos.

Partindo do pressuposto de que não há instinto materno e que a subjetividade humana aponta para o sujeito singular, surgiu a indagação do que leva a mulher a desejar a maternidade a partir da lógica da constituição do sujeito?

Considerando que a maternidade é um fenômeno biológico exclusivo da mulher e que socialmente é entendido como fazendo parte do seu desenvolvimento natural. A presente pesquisa, ao analisar o que leva a mulher desejar a maternidade, justifica-se no sentido de trazer a luz aos profissionais que atuam na saúde acerca das implicações que a maternidade traz para a vida da mulher.

Para a realização do estudo foi necessária uma pesquisa de abordagem qualitativa, pois busca compreender o fenômeno e tem por finalidade a interpretação subjetiva (SILVEIRA & CÓRDOVA, 2009). A pesquisa apresenta natureza básica, uma vez que não visa aplicação prática em seu procedimento (SILVEIRA & CÓRDOVA, 2009).

Ainda de acordo com as autoras, o objetivo da Revisão de literatura foi o de caráter exploratório, pois possibilita uma proximidade com o problema e uma de suas classificações é a Pesquisa bibliográfica, que foi utilizada enquanto método do estudo em questão.

Os dados foram coletados por meio das palavras chaves pertinentes ao assunto abordado no estudo. As referências dos artigos selecionados no levantamento, também foram utilizadas, a fim de ampliar a pesquisa. Para a coleta de

dados foram selecionados artigos, teses e dissertações entre 2004 à 2020 e livros de diversos anos referentes a temática, escritos em Português.

O percurso teórico que pretendemos seguir para a realização da nossa pesquisa inicia pelo contexto histórico acerca da maternidade no ocidente, desde a antiguidade até a contemporaneidade. Nossa proposta também é apresentar a perspectiva da feminilidade para a psicanálise, bem como discorrer sobre o lugar da maternidade na vida da mulher, de forma a compreender em parte a perspectiva da psicanálise sobre a maternidade.

No primeiro capítulo, faremos um breve percurso histórico pelos diferentes tempos ao longo da história no ocidente, pois a maternidade também é uma construção social e que se modifica de acordo com o tempo, costumes e a cultura de cada região.

No segundo capítulo, visa-se abordar de forma breve o que se entende pelo feminino na perspectiva da psicanálise. Para isso, foram analisados alguns conceitos psicanalíticos da teoria freudiana e lacaniana como: a sexualidade; a fase pré-edipiana; o complexo de castração; complexo de Édipo na menina; estágio de espelho; metáfora paterna, Nome-do-Pai; e a lógica fálica e a lógica não-toda. Esses aspectos teóricos são relevantes para pensar a constituição da mulher e sua relação com a maternidade.

No terceiro capítulo, buscamos apresentar uma conclusão, por meio dos questionamentos fomentados pelos capítulos anteriores. Para Freud o desejo da mulher poderia ser atendido através da maternidade; contudo, para Lacan a posição considerada feminina, isto é, a via ao gozo Outro, não diz respeito à completude, mas sim para um gozo além do falo. Então, significa dizer que a mulher pode ir em busca da maternidade por meio de outras questões subjetivas que estão para além do falo. E também pode não ir ao encontro da maternidade e dar outros destinos ao gozo Outro (SOLER, 2005). Concluímos que o desejo pela maternidade está relacionado à constituição subjetiva da mulher enquanto sujeito.

CAPÍTULO I: A HISTÓRIA DA MATERNIDADE NO OCIDENTE

Neste capítulo, tentaremos abordar brevemente a história de maternidade no ocidente desde a Antiguidade até a Contemporaneidade.

1.1 A inexistência da mulher e da mãe

Ao longo de um período da história, a mulher tinha imagens diferentes em momentos históricos divergentes. No primeiro momento, nos é apresentada, na mitologia grega, diante da concepção de Pandora, a inexistência da mulher; no segundo momento, por meio do pensamento Aristotélico, a mulher é vista em uma existência inferior à dos homens (BARBOSA, 2016).

Durante o período da Idade Antiga o olhar que a sociedade tinha sobre a mulher era da ordem de uma inexistência, pois a existência da mulher não era enunciada e isso é possível observar nos mitos que nos apresentam a inexistência dela, a tal modo de não ser considerada necessária para a concepção de um bebê (BARBOSA, 2016). Na mitologia grega, a concepção de Pandora nos mostra qual era a imagem que a mulher tinha na sociedade.

Pandora foi feita da mistura de terra e água: do barro. Esta associação com as deusas férteis e com a própria fecundidade está no fato de Pandora representar a sexualidade: anterior a ela, não havia o elemento feminino e o ciclo da vida não poderia ser gerado (BARBOSA, 2016, p.18).

De acordo com Barbosa (2016), na Grécia a mulher era considerada inferior ao homem, visto que, era um país extremamente patriarcal, de forma a julgar a moral de uma mulher pelos seus comportamentos, caso ela não fosse casada ou se andasse pela rua sem a companhia do esposo. O homem, por sua vez, mantinha sua reputação social através da tradição familiar, de seu trabalho e suas posses, inclusive era o homem que assegurava os meios de trabalho e meio de produção. Dessa forma, o ele

era o responsável pela política, a cultura e a economia. Portanto, a posição hierárquica em que a mulher se encontrava socialmente, se dava ao que o marido dispusesse.

No pensamento Aristotélico, a mulher deveria ser submissa e obediente ao marido, dado que, ele era quem possuía o poder sobre si e sua família. Essa autoridade se dava pelo fato da desigualdade natural existente entre os seres humanos em que Aristóteles mantinha sua filosofia política (BADINTER, 1985).

Quanto à cidadã, é essencialmente inferior ao homem, seja qual for a sua idade. Desvalorizada do ponto de vista metafísico, pois encarna o princípio negativo, a matéria (contrariamente ao homem, que personifica a forma, princípio divino sinônimo de pensamento e de inteligência), a mulher é igualmente considerada personagem secundária na concepção. Semelhante à terra que precisa ser semeada, seu único mérito é ser um bom ventre. Como é dotada de uma frágil capacidade de deliberação [...]” (BADINTER, 1985, p.31)

O filósofo descreve a mulher como um corpo depositário do sêmen do homem, de forma a afirmar ser ele o responsável para que a procriação ocorresse (Gomez, 2000). Bem como considera que a opinião da mulher não deveria ser considerada e que sua “única virtude moral” era a de “vencer a dificuldade de obedecer”. Sua honra residia num “modesto silêncio” (BADINTER, 1985, p.32).

Sendo assim, o homem encontra-se na condição de “Pai-Marido-Senhor todo-poderoso” e isso se dá em relação a sua essência, pois é visto como o ser mais completo entre os outros e que, portanto, seja superior a todos os outros personagens da família. Pois o homem era equivalente ao divino, Deus, e então deveria gerenciar todos os outros que se encontrassem em uma posição inferior a ele; e equivalente ao Rei que ordena seus súditos, tem então suas responsabilidades jurídicas, econômicas e políticas (BADINTER, 1985). A mãe também não tinha a autonomia e responsabilidade sobre a educação dos filhos que ficava a cargo do marido.

Portanto, a mulher não era considerada relevante para a origem humana. Era considerada equivalente a Terra, e o homem equivalente a Deus, que só dava a vida por causa do homem.

1. 2 A desvalorização da maternidade

A Idade média foi um período em que a mulher tinha o marido como seu senhor e seu mestre e que a ele devia toda a obediência, pois entendia-se que ela era mais

atentada ao pecado e as coisas profanas, bem como poderia também conduzir o marido para as coisas más (BADINTER, 1985). A mulher então não era considerada importante assim como a criança, a maternidade e os cuidados com o bebê eram desvalorizados.

No cristianismo, Eva é culpabilizada por disseminar o mal sobre a humanidade, diante disso, se tinha uma visão sobre a mulher, ela era considerada não digna de poder e incapaz de inteligência. E por isso, o mais seguro seria que os homens decidissem o que era melhor para si, para sua esposa, seus filhos e para a sociedade. Com isso, a mulher não poderia exercer qualquer responsabilidade sobre a sociedade, visto que, quando fizera não teve a sabedoria. Portanto, era o homem que a tinha (BADINTER, 1985).

Nessa época, na Europa, a família era organizada de acordo com os interesses econômicos, de forma que as relações afetivas entre os cônjuges em si e entre os filhos não eram consideradas relevantes. Os casamentos não ocorriam através do amor que sentiam um pelo outro, mas sim pelos interesses econômicos familiares para que fossem propagados, os casamentos então eram arranjados. Neste contexto, tanto as crianças quanto as mulheres eram consideradas como pessoas irrelevantes, e deveriam ser submissas ao homem chefe da família. A maternidade assim como os bebês, não tinha muita importância (ARIÉS, 1981).

Ainda de acordo com Ariés (1981), as mães não tinham o costume de alimentar seu bebê, na maioria das vezes esse papel ficava a cargo das amas-de-leite e permaneciam sob os cuidados de outras pessoas que não os da mãe, nem tampouco a família, os cuidados eram terceirizados, e assim as crianças ficam até ter condições de cuidar de si sem a interferência do adulto. Posteriormente, as crianças deveriam colaborar com as atividades domésticas e eram consideradas adultas em miniaturas, participavam inclusive da vida dos adultos de modo geral.

Nesse cenário, a mortalidade infantil também era muito corriqueira e por isso, a relação que se tinha com a infância era tão frágil e se tornava uma dificuldade em relação ao apego infantil. Sendo assim, as famílias tinham muitos filhos, já que a probabilidade de morte durante a infância era altíssima (ARIÉS, 1981). No entanto, não havia o interesse das mães em relação ao alto índice de mortalidade infantil (BADINTER, 1985).

Destarte, durante a Idade Média a maternidade não era a moda da época, não havia tanta importância, embora a transmissão do nome fosse relevante, o

envolvimento da mulher com o bebê não era valorizado ou ressaltado. Segundo Badinter (1985) a imagem então que se tem da mãe, não a única, mas a que sobressai, é a cruel.

1.3 Maternidade na Modernidade: a ausência do amor materno?

Na Idade Moderna percebe-se alterações importantes referentes às mulheres no contexto social da época. A relação da mulher com a maternidade se modifica, bem como seu lugar na família e na sociedade.

De acordo com Venâncio (2004) no decorrer do período colonial no Brasil, algumas mulheres se deparam com a necessidade de abandonar seus filhos, o que posteriormente resultou no abandono selvagem em que os bebês eram deixados em calçadas, terrenos abandonados e praias, porque ainda não havia orfanatos ou abrigos para que esses bebês pudessem ser deixados. Diante da preocupação da sociedade com a perdição da alma, herança deixada pelo cristianismo, a igreja começa então a se importar com o destino da alma das crianças pagãs, uma vez que não poderiam pagar pelo pecado dos pais.

A igreja católica também condenava o ato de abandonar as crianças, o aborto e o infanticídio. Por essa razão referente à condenação ao abandono e as práticas do infanticídio, São Vicente de Paula, sacerdote católico francês, em 1638, funda o “Abrigo das Crianças Achadas” (BADINTER, 1985). No período colonial no Brasil, foram estabelecidas as Rodas dos Expostos que “consistia num cilindro que unia a rua ao interior da Casa de Misericórdia” (VENÂNCIO, 2004, p. 191) os enjeitados eram deixados nessa Roda por sua mãe para que outras pessoas assumissem a responsabilidade sobre a criação desses bebês.

Sendo assim, houve a expansão das mães de criação, nomeadas como mulheres criadeiras, ou seja, as mães de aluguel, essas mulheres eram contratadas pela Santa Casa ou pela Câmara, elas recebiam um baixo auxílio para acolher o enjeitado, pois diante do discurso religioso em que a caridade deveria ser realizada como demonstração de fé e garantia de salvação, essas mulheres aceitavam cuidar desses bebês abandonados (VENÂNCIO, 2004, p. 191). Mas por que essas mães abandonavam seus filhos?

Ainda de acordo com Venâncio (2004) nessa época, havia uma preocupação moral em que a mulher não poderia ter filhos fora do matrimônio porque caso isso acontecesse ela sofreria a condenação moral. Outro fator decorrente do abandono era a pobreza, muitas mulheres entregavam seus filhos nas Rodas com o intuito de que tivessem uma vida melhor da que ela poderia oferecer, então pretendiam proteger seus filhos. O abandono também ocorria mediante a morte dos pais, bem como em casos de fatores imprevisíveis, como caso de gêmeos ou bebês doentes.

No entanto, com a ascensão da burguesia na era da consolidação do capitalismo, os cuidados maternos passam a ser valorizados, pois estabelece-se a divisão entre a vida pública e a privada. Então entre o século XVIII e XIX, a família passa a ser uma instituição fechada (ARIÉS, 1981).

Sendo assim, a criança deixa de ser criada em comunidade e passa a ser responsabilidade dos pais. Com isso, estabelece-se a diferenciação de papéis sociais. Ao homem pertenceria o sustento da casa por meio do trabalho, enquanto à mulher os cuidados da família, inclusive a ela se dirigia a responsabilidade pelos cuidados e a educação dos filhos. Essa mudança na família refletiu em uma nova ideologia que passou a exaltar o papel da mulher como mãe e sua função social enquanto exclusiva à maternidade (Scavone, 2001). Com isso, começa a vislumbrar-se o declínio do poder patriarcal.

1.4 O lugar da maternidade na contemporaneidade

No início do século XIX, a maternidade e os cuidados oferecidos pela mãe ao bebê se tornam relevante no ponto de vista social. Então começa o fomento pela maternidade enquanto um amor único e incondicional necessário ao bebê para o seu desenvolvimento saudável. Esse discurso caminhou para a ideia do instinto materno, essa ideologia segue sendo questionada. No século XX a maternidade começa então a ser vivenciada de forma diferente em relação aos séculos anteriores.

Nesse período, o instinto materno se propaga sobre o discurso social como algo natural e inerente à mulher. De acordo com (BADINTER, 1985, p. 20):

O amor materno foi por tanto tempo concebido em termos de instinto que acreditamos facilmente que tal comportamento seja parte da natureza da mulher, seja qual for o tempo ou o meio que a cercam. Aos nossos olhos, toda mulher, ao se tornar mãe, encontra em si

mesma todas as respostas à sua nova condição. Como se uma atividade pré-formada, automática e necessária esperasse apenas a ocasião de se exercer. Sendo a procriação natural, imaginamos que ao fenômeno biológico e fisiológico da gravidez deve corresponder determinada atitude maternal.

Por conseguinte, a mãe deveria não só procriar, mas também, garantir a sobrevivência do feto até a condição de embrião e indivíduo acabado. É possível observar essa ideia na confirmação pelo duplo sentido do conceito de maternidade nesse momento da história. Um que consiste tanto em um estado físico não duradouro, a gravidez. E o outro que se refere aos cuidados físicos; o envolvimento afetivo da mãe com o bebê; e a educação desse indivíduo. Que teria seu fim então quando o indivíduo se tornasse adulto (BADINTER, 1985).

Atualmente, diante do declínio do pai, se tem uma idealização da mãe e muitas vezes a mãe é a única responsável pela criança. A criança, frequentemente, se encontra para a mãe no lugar das privações. Existem mulheres completamente entretidas em serem mãe, e o filho é mais importante do que qualquer outra coisa. No passo que outras, não se encontram ocupadas com seus filhos e o lugar deles é preenchido por outras coisas (MARCOS, 2017). A maternidade então “[...] se torna uma escolha, decisão e não um destino, tal como antes” (MARCOS, p. 249, 2017).

De acordo com Badinter (2011) a concepção da maternidade passou por uma revolução no século XXI, a mulher então passa a poder escolher ou não a maternidade e a forma da concepção. Os contraceptivos se tornaram para as mulheres uma forma de controlar a procriação e assim decidirem quando querem ser mães e se querem ser mães. Com o avanço tecnológico no campo da medicina da reprodução a concepção se tornou acessível a todas as mulheres inférteis ou que não queiram estar em um relacionamento para ter filhos.

Entretanto, essa escolha não é tão livre assim para a mulher, pois ela ainda precisa se a ver com os efeitos de sua escolha frente a ideologia vigente. Diferente da Idade média em que a maternidade na maioria das vezes era um destino obrigatório e não havia preocupação com a qualidade da criação dos filhos, mas sim a quantidade de filhos para manter a linhagem familiar, atualmente não se trata de ter filhos, mas a preocupação com tudo que envolve a criação desse filho. E por isso, as mulheres adiam a maternidade até alcançarem sua realização profissional e assim conseguir cuidar desse filho como gostariam. Outras, decidem não ter filhos (BADINTER, 2011).

Outra característica da mulher contemporânea é sua relação com o trabalho. Com o aumento das mulheres no mercado de trabalho na atual sociedade, ela se apresenta com inúmeros papéis e tendo que cumprir todas suas funções com excelência, e, portanto, ser exaltada pelo exercício desses múltiplos papéis (BRAGA, 2005).

Portanto, na contemporaneidade a maternidade se encontra como uma das possibilidades do feminino e não como única e exclusiva. A mulher pode ter outras prioridades em sua vida e inclusive decidir não ter filhos. No entanto, a sociedade ainda se espanta com a rejeição da mulher pela maternidade. Muitas questões se voltam em torno da maternidade na atualidade e aparecem para a mulher de diferentes formas.

Sendo assim, a mulher então se vê diante de várias preocupações como: formar um ser para a sociedade e isso se configura em ser uma boa mãe para daí não ser julgada como uma mãe ineficiente no ponto de vista social; o trabalho que lhe passa a ser exigido tanto fora quanto dentro de casa, levando-a a uma dupla jornada de trabalho; a preocupação com a estética também é uma questão para a mulher que precisa se enquadrar nos padrões de beleza ditos como adequados; e por fim, a felicidade provinda somente através do fato de ter um filho ou a infelicidade de não tê-lo.

CAPÍTULO II: A PERSPECTIVA DA FEMINILIDADE NA PSICANÁLISE

Neste capítulo, tentaremos abordar de forma breve o que se entende por feminilidade na perspectiva da psicanálise. Para isso, trataremos da sexualidade, da fase pré-edipiana, do complexo de castração, do complexo de Édipo e do Estádio de espelho na menina, percorrendo com Freud o caminho fértil para se pensar a feminilidade e o avanço teórico ao fazer uma releitura da obra freudiana que Lacan realizou.

2.1 Sexualidade: conceito em Freud

Ao teorizar sobre sexualidade, Freud não se refere exclusivamente ao sentido trazido pela sexologia relacionado ao anatômico ou fisiológico. Freud muito

atravessado pelo desejo de escutar as histéricas e começa então a investigar a etiologia da histeria. Com isso, descobre através dos relatos de suas pacientes, que a sexualidade é o seu cerne (FREUD [1905]¹, 2006).

Sendo assim, a histeria deixa de ser considerada uma patologia exclusivamente feminina e se torna uma forma de relação humana. Então, ao escutar suas pacientes Freud percebe a fantasia no discurso delas. Foi através também da associação livre² produzida por suas pacientes, durante as análises, que Freud chega às questões de ordem sexual, que por vez, não se reduzem ao coito (FREUD [1905], 2006).

No entanto, diferente do que se entende por sexualidade no senso comum, como sendo algo puramente genital, para a psicanálise, a sexualidade diz respeito à satisfação, à relação entre prazer e desprazer. De semelhante modo, a sexualidade infantil diz respeito ao autoerotismo, ou seja, a satisfação por si e em si. Dito de outro modo, a libido³ é voltada para o próprio corpo como objeto.

Atualmente a sexualidade na infância pode ser comentada, não sem alguma resistência. Porém, na época em que Freud mencionou a sexualidade infantil, foi muito questionado e sua teoria, *a priori*, não foi aceita. Ao discorrer sobre a sexualidade, o pai da psicanálise, enfatiza que é um erro acreditar que a pulsão sexual⁴ não está presente durante a infância, e sim somente na puberdade (FREUD [1905], 2006).

Ao nascer o bebê apresenta suas necessidades fisiológicas, por exemplo, a fome, a sede, o frio e é um outro que precisa atendê-lo. Porém, na medida em que essa necessidade é atendida, além do registro da satisfação do alívio, há também o registro de prazer que vai além da satisfação, que é da ordem da pulsão. O bebê, por sua vez, continuará a sugar independente do alimento, pois nessa fase a zona erógena é a boca (FREUD [1905], 2006).

Dessa maneira, nas cartas enviadas a Fliess, Freud manifesta o desejo de elaborar períodos de desenvolvimento psicosssexual ligados a fonte, ao objeto e ao

¹ Data da publicação da obra de Freud

² Técnica que levou Freud a abandonar a hipnose e se apropriar da associação livre como método de tratamento com seus pacientes, consiste na associação de idéias (MACEDO & FALCÃO, 2005);

³ Sigmund Freud* retomou o termo numa acepção inteiramente distinta, para designar a manifestação da pulsão* sexual na vida psíquica (ROUDINESCO & PLON, 1998, p.471).

⁴ Termo apresentado por Freud "Impulso do qual a libido constitui a energia" (ROUDINESCO & PLON, 1998, p.629).

objetivo. As fases pré-genitais desse desenvolvimento são, a fase oral, anal e fálica (ROZA, 2018).

A primeira fase, tem como fonte de satisfação a zona oral, seu objeto, inicialmente, é o seio e o objetivo é a incorporação do objeto. Nessa fase “o prazer ainda está ligado à ingestão de alimentos e à excitação da mucosa dos lábios e da cavidade bucal” (ROZA, p. 104). A experiência de satisfação consolida a base do desejo, é a partir dessa vivência que ocorrerá associação entre satisfação e desejo (ROZA, 2018).

A criança sente prazer ao chuchar, Freud define esse movimento da seguinte forma “consiste na repetição rítmica de um contato de sucção com a boca (os lábios), do qual está excluído qualquer propósito de nutrição” (FREUD [1905], 2006, p.169). Segundo Freud ([1905], 2006, p.107):

O sugar com leite alia-se a uma absorção completa da atenção e leva ao adormecimento, ou mesmo a uma reação motora numa espécie de orgasmo. Não raro, combina-se com a fricção de alguma parte sensível do corpo, como os seios ou a genitália externa. Por esse caminho, muitas crianças passam do chuchar para a masturbação.

Dessa forma, os impulsos sexuais infantis inicialmente surgem com o intuito de atender as necessidades vitais, porém depois elas se desprendem. O chuchar então é a busca pelo prazer que a criança experimentou antes e agora deseja lembrá-lo (ROZA, 2018).

Na segunda fase pré-genital, a anal-sádica, a libido é voltada para a zona anal e o prazer ocorre através do controle dos esfíncteres, na retenção ou expulsão da urina e das fezes, a criança começa a ter controle sobre seu próprio corpo. Então assim como a zona labial “a zona anal está apta, por sua posição, a mediar um apoio da sexualidade em outras funções corporais” (FREUD, [1905] 2006, p. 113).

Nesse momento a criança vive uma ambivalência, tem um sentimento narcísico e quer ter as fezes só para ela ou deseja dar aos pais o que conseguiu produzir, as fezes. O fato da criança reter e segurar as fezes são controles muito prazerosos a ela e por isso Freud concebe a aproximação sádico-anal e diz também que a polaridade sexual coincide entre ativo e passivo.

As crianças que tiram proveito da estimulabilidade erógena da zona anal denunciam-se por reterem as fezes até que sua acumulação provoca violentas contrações musculares e, na passagem pelo ânus, pode exercer uma estimulação intensa na mucosa. Com isso, hão de produzir-se sensações de volúpia ao lado das sensações dolorosas. (FREUD, [1905] 2006, p. 175)

O terceiro estágio, se refere a última fase pré-genital, a fase fálica, Freud diz no texto *A organização genital infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade)* (1923) que nessa fase a característica principal é a primazia do falo⁵. Inicialmente o menino acredita que todas as pessoas possuem um órgão genital assim como o seu. E ao se deparar com a diferença do outro sexo começa uma investigação nas pessoas, animais e brinquedos.

Nesse momento de descoberta, a menina acredita que o pênis ainda vai crescer nela, e, posteriormente, entende que tivera mas perdeu, pois ele foi retirado. E a falta do órgão genital leva a menina a estar diante do resultado da castração e acredita que foi vítima de punição. A feminilidade então diferente da masculinidade não existe ainda, a polaridade nesse momento consiste em ter o órgão genital masculino ou ser castrado. E nessa fase, a criança observa que há um terceiro na relação para além da simbiose mãe e criança que irá realizar o corte entre ambos, ou seja, a castração e inicia-se o complexo de Édipo (FREUD, [1923] 2018).

Portanto, sexualidade para a psicanálise não se refere à atividade exclusivamente pelo contato genital, mas diz respeito ao sentido da relação estabelecida com o outro por meio do prazer ou desprazer e o significado que se configura no campo sexual por meio da fantasia. Freud busca então na cultura grega, especificamente, na mitologia grega tentar entender o funcionamento da fantasia que os adultos traziam de sua infância, e assim desenvolve a teoria do complexo de Édipo. No entanto, percebe que antes do Complexo de Édipo havia uma fase que antecede, a fase pré-edipiana.

2.2 Fase pré-edipiana

No texto *A feminilidade* (1933) Freud inicia apresentando concepções da anatomia e da ciência acerca da definição do que seja feminino e masculino. Porém percebe a incapacidade de ambas para responder a concepção da feminilidade e da masculinidade. Diante disso, se interroga se a psicologia será capaz de responder a tal questionamento (FREUD, [1933] 2018).

⁵ “[...] foi empregado por Sigmund Freud*, a propósito do fetichismo* ou da renegação*, e muitas vezes como sinônimo de pênis (ROUDINESCO & PLON, 1998, p.221).

De acordo com Freud ([1933] 2018), ao nos depararmos com um ser humano tendemos a diferenciá-lo entre masculino e feminino. A anatomia reforça essa atitude quando define masculino e feminino por meio dos órgãos genitais e reprodutores, bem como os caracteres sexuais secundários que influenciam o gênero em questão, porém ainda assim é versátil.

Posteriormente, a ciência enfatiza que há na mulher elementos presentes no aparelho sexual masculino, mesmo não alcançando seu completo desenvolvimento, assim também ocorre no outro caso. Ela preceitua que há então uma bissexualidade, e que o ser não é homem e nem mulher completamente e sim um pouco de cada, porém apresenta mais de um do que do outro e por isso se encaixa dentro do sexo em questão (FREUD, [1933] 2018).

De acordo com a biologia, feminino e masculino, se diferem. Ou seja, anatomicamente não há semelhanças, são os órgãos genitais e reprodutores que os colocam em categorias divergentes. Porém a anatomia é incapaz de compreender o que constitui a feminilidade e a masculinidade. Para a psicanálise a diferença sexual não se reduz a diferença anatômica do sujeito (FREUD, [1933] 2018).

Diante da incapacidade da anatomia em dizer o que concebe a masculinidade e a feminilidade, o pai da psicanálise se interroga se a psicologia é capaz de responder. Ele problematiza a atribuição que se costuma fazer de ativo para o homem e passivo para a mulher e afirma que isso não se comprova. Ao percorrer esse caminho percebe que a psicologia também não consegue decifrar o enigma da feminilidade. Sendo assim, Freud visa averiguar como a menina se torna mulher e como se desenvolve desde criança, visto que, apresenta em sua fase primitiva uma disposição bissexual, bem como pretende pesquisar o desenvolvimento sexual (FREUD, [1933] 2018).

De acordo com Freud ([1933] 2018) a bissexualidade ocorre com as mulheres na fase de seu desenvolvimento. No início de sua vida ela vive como um menino, acredita que possui o mesmo órgão genital do menino e pensa que o clitóris irá crescer, explora sua zona erógena, o clitóris, e com ele tem atividades masturbatórias, ainda não descobriu a vagina. Antes da menina entrar no período do complexo de castração e no complexo de Édipo, ela vivencia uma fase que os antecede, a fase pré-edípica.

Na fase pré-edípica da menina, ela tem uma ligação com a mãe. E as relações libidinais da menina com a mãe são de diversas formas. Estas relações passam pelas

três fases da sexualidade infantil, com isso apresenta-se a característica de cada fase, e são manifestas por meio de desejos orais, sádico-anais e fálicos. Posteriormente esses desejos poderão ser representados tanto como ações ativas como passivas, denominadas como masculino e feminino, a bissexualidade no desenvolvimento. Seu primeiro objeto de amor é a mãe ou o sujeito que para ela tem a função de cuidador e, portanto, a função materna, pois é esse sujeito que oferta o cuidado corporal e o alimento (FREUD, 1933).

Nesse período, vários desejos sexuais surgem, porém nem sempre podem ser satisfeitos, e ao impedir a atividade prazerosa no genital, a criança tem sentimentos hostis contra a mãe, visto que ela estimulava essa resposta através dos cuidados com a criança. E é para esse objeto mãe que ela irá fazer seus primeiros investimentos de afeto, a quem a satisfaz todas as necessidades da vida. Esse objeto de amor, assim como a zona erógena, do clitóris para a vagina, só são trocados ao entrar no complexo de Édipo, seu objeto passará então a ser o pai ou alguém que ocupa a figura paterna e exerce a função da castração (FREUD, 1933).

2.3 Complexo de castração

O Complexo de castração é um termo apresentado por Freud, em 1923, ele introduziu o conceito na teoria do desenvolvimento sexual, o termo se refere ao “sentimento inconsciente de ameaça experimentado pela criança quando ela constata a diferença anatômica entre os sexos” (ROUDINESCO e PLON, 1998, p. 105). O complexo de castração diz respeito a uma interdição que ocorre em um período do desenvolvimento psicosssexual na vida da criança na relação com a mãe na triangulação edípica (MOURÃO, 2011).

Nas suas investigações a criança se depara com a diferença anatômica entre os seus semelhantes. Quando a menina fica diante da ausência em si do órgão genital masculino, não aceita, se sente injustiçada, mas acredita que ele ainda irá crescer, ela acredita também que a castração é em decorrência a uma punição (FREUD, 1933).

O complexo de castração se dá por meio da representação psíquica do pênis, o falo. A castração⁶ não é da ordem do real⁷, ela é simbólica⁸, visto que se inscreve na ordem fálica. O falo então, em Lacan, é o significante da falta. Já que a castração não se refere a retirada do órgão genital, se refere então a função que interditará a relação da criança com a mãe (COSTA, 2010).

A partir da descoberta da castração, a menina caminha em direção ao seu desenvolvimento que se apresenta em três orientações: “uma leva a inibição sexual ou à neurose; a seguinte, a alteração do caráter, no sentido de um complexo de masculinidade; e a última, finalmente, à feminilidade normal” (FREUD, 1933, p. 331).

Na primeira orientação, a menina que até então havia vivido de forma masculina excitando o clitóris e por meio disso tendo prazer, associou essa atividade prazerosa com seus desejos sexuais frequentemente ativos, relacionados a mãe. Com a destruição da vantagem da sexualidade fálica, dá lugar a inveja do pênis. Diante da decepção da castração a menina abandona a satisfação masturbatória no clitóris, assim como descarta o amor pela mãe. Nesse momento também, a menina recalca seus desejos sexuais. Então se separa da mãe, de forma gradativa, não imediatamente, primeiro ela percebe essa falta nela para depois se estender e perceber que isso também ocorre com outros sujeitos femininos, e finalmente, a mãe (FREUD, 1933).

Pois, anteriormente, o amor da menina se direcionava a mãe fálica, porém ao descobrir que a mãe também é castrada, ela consegue abrir mão de seu objeto de amor e por isso, os sentimentos hostis sobressaem a partir daí. Sendo assim, predomina a passividade e a menina se aproxima do pai pela via das propostas pulsionais passivas. Com a retirada da atividade fálica o espaço para a feminilidade

⁶ Sigmund Freud* denominou complexo de castração o sentimento inconsciente de ameaça experimentado pela criança quando ela constata a diferença anatômica entre os sexos (ROUDINESCO & PLON, 1998, p.105).

⁷ Conceito utilizado por Lacan Utilizado no contexto de uma tópica*, o conceito de real é inseparável dos outros dois componentes desta, o imaginário* e o simbólico*, e forma com eles uma estrutura. Designa a realidade própria da psicose* (delírio, alucinação), na medida em que é composto dos significantes* foracluídos (rejeitados) do simbólico (ROUDINESCO & PLON, 1998, p.645). Lacan deu o nome de R.S.I. (Real, Simbólico, Imaginário) ao tríptico em que o real é assimilado a um “resto” impossível de transmitir, e que escapa à matematização (ROUDINESCO & PLON, 1998, p.646).

⁸ Termo extraído da antropologia* e empregado como substantivo masculino por Jacques Lacan [...] Utilizado em 1953 no quadro de uma tópica*, o conceito de simbólico é inseparável dos de imaginário* e real*, formando os três uma estrutura. Assim, designa tanto a ordem (ou função simbólica) a que o sujeito está ligado quanto a própria psicanálise*, na medida em que ela se fundamenta na eficácia de um tratamento que se apóia na fala (ROUDINESCO & PLON, 1998, p.714).

surge. E se não houver uma perda considerável de recalque, a feminilidade pode ser normal (FREUD, 1933).

Outro caminho no desenvolvimento da menina diante da castração, é o complexo de masculinidade. Diz respeito a não conformidade da menina à castração e aumenta ainda mais a masculinidade inicial, marca sua atividade prazerosa com o clitóris e procura uma identificação com o pai ou a mãe fálica (FREUD, 1933).

Um terceiro modo da menina estar diante da sua diferença sexual é se apropriar do pai como objeto. Ela se volta para o pai pelo desejo de obter o pênis que foi negado pela mãe, e então a menina inicia seu complexo de Édipo. Posteriormente, o desejo por esse órgão genital masculino se tornará o desejo de ter um filho, uma vez que, teria o mesmo valor do pênis. Em seguida, a menina se decepçiona com o pai, pois ele se recusa a tal recompensa e isso a faz abandonar o complexo de Édipo, mas não por completo (FREUD, 1933).

2.3.1 Complexo de Édipo e estágio de espelho

Freud recorre a mitologia e traz para a teoria freudiana o mito do Édipo apresentado por Sófocles, para tentar explicar a constituição do sujeito. No inalcançável da transmissão o sujeito cria seu próprio mito. O complexo de Édipo então diz respeito à Lei simbólica, ou seja, a Lei essencial e constituidora das leis sociais. O incesto mãe-filho é barrado pelo pai simbólico através da interdição (COSTA, 2010).

Lacan aborda a constituição subjetiva através da metáfora do espelho, apresentando a fase inicial do Eu. Nesse período o Eu constitui-se alienado de si, enquanto o sujeito como dividido, somente, representado entre um significante⁹ e outro. A identificação primária da teoria freudiana, diz respeito, para Lacan, à identificação primordial. Ambas se referem à identificação com uma imagem geral própria de si, que até então se configurava como uma imagem fragmentada. O estágio de espelho se apresenta em três tempos (MOURÃO, 2011).

⁹ Retomado por Jacques Lacan* como um conceito central em seu sistema de pensamento, o significante transformou-se, em psicanálise*, no elemento significativo do discurso (consciente ou inconsciente) que determina os atos, as palavras e o destino do sujeito*, à sua revelia e à maneira de uma nomeação simbólica (ROUDINESCO & PLON, 1998, p.708).

1) A criança percebe a imagem de seu corpo, no espelho, como um outro real: há uma confusão entre si e o outro; 2) A criança é levada a descobrir que o outro do espelho não é real, mas uma imagem. Entretanto, ainda não percebe que é uma imagem de si mesma. Há apenas a distinção entre a imagem do outro e a realidade do outro; 3) A criança adquire a convicção de que essa imagem é a sua: imagem de um corpo totalizado, estruturante para sua identidade – aquisição do Eu ideal: constituinte do narcisismo, “a criança magnífica da mãe” (MOURÃO, 2011, p.93).

No entanto, em se tratando de uma imagem simulada, uma vez que a imagem se dá pelo espelho, será sempre de uma dimensão imaginária¹⁰ de si. No entanto, por ser ressaltada por meio do olhar do Outro, essa identificação registrada permanentemente, à uma alienação e por uma condição da criança, que ainda não tem capacidade de conhecer seu esquema corporal. A identificação ao Eu ideal acontece com a entrada da criança no Édipo. Assim como o estádio de espelho, o Complexo de Édipo pode ser dividido em três momentos (MOURÃO, 2011).

O primeiro tempo do Édipo é simultaneamente ao terceiro período da fase do espelho, no qual a criança entende que a imagem do espelho é a sua. Mesmo com a identificação ao ideal, a criança mantém uma relação com a mãe ainda sem a presença de um terceiro, o pai. Porém, a dificuldade dessa identificação já insere a criança no campo da falta, da insatisfação. Por meio dos cuidados maternos as ausências da mãe aparecem para a criança como uma insatisfação e/ ou falta da mãe. (MOURÃO, 2011).

Sendo assim, a falta ou a insatisfação materna, põe o falo¹¹ em evidência, se tornando então o primeiro significante que representa a falta, estabelecendo-se como objeto de desejo da mãe. Com isso, a criança começa a se identificar com o falo como o que falta à mãe. Por conseguinte, o falo é o representante do objeto de desejo da mãe (Outro) e não objeto de desejo da criança. (MOURÃO, 2011).

No segundo tempo do Édipo, de acordo com a certeza de haver algo a ser satisfeito, devido à falta, a criança se coloca no lugar de ser o falo, há sempre uma

¹⁰ Utilizado por Jacques Lacan* a partir de 1936, o termo é correlato da expressão estádio do espelho* e designa uma relação dual com a imagem do semelhante. Associado ao real* e ao simbólico* no âmbito de uma tópica, a partir de 1953, o imaginário se define, no sentido lacaniano, como o lugar do eu* por excelência, com seus fenômenos de ilusão, captação e engodo (ROUDINESCO & PLON, 1998, p.371).

¹¹ Lacan fez dele, a partir de julho de 1956, o próprio significante* do desejo (ROUDINESCO & PLON, 1998, p.221).

interrogação. Pois o falo é alguma coisa que se refere à ausência ou presença. Bem como, leva a imaginar que o Outro deseja, logo algo lhe falta. Posto isso, pode se dizer que a criança não é o falo para a mãe, pois ainda assim, a falta continua. Uma dúvida é instaurada e gera em torno do ser ou não o falo. Então essa oscilação dialética é comprovada com a presença do terceiro, o pai, na relação mãe e criança. Essa inserção aparece como o primeiro representante da castração, pois a criança deixa de ser o objeto fálico da mãe, uma vez que há o pai nessa relação. (MOURÃO, 2011).

De acordo com Mourão (2011) quando a criança é privada, ela contesta sua identificação ao falo, e se vê obrigada a desistir de ser o objeto de desejo da mãe. Com isso, há uma substituição da mãe pelo pai, visto que, a mãe deseja o pai, logo ele tem o falo ou é o falo e isso implica em duas consequências.

Na primeira, o pai pode ser visto como o poder interditor e surge como potência fálica para a mãe, e para a criança como o Outro. No lugar de objeto fálico para a mãe, o pai se torna o objeto de rivalização para a criança. (MOURÃO, 2011). Outra consequência, ao ser direcionado ao pai, o desejo da mãe vai precisar dele para ser satisfeito. A criança então dará conta de perceber que é o pai que satisfaz o desejo da mãe e não ela, o pai então é posto como aquele que controla o desejo da mãe. Isso resulta na Lei do Pai, a lei que controla o desejo do Outro, a mãe. (MOURÃO, 2011).

Portanto, esse período do Édipo, em que a criança se depara com a lei, coloca-a diante da castração, a criança é levada a aceitar que não tem o falo e também não é o falo. A criança observa, que não tem quando se depara com a falta na mãe, e a esta tenta completar essa falta desejando o pai. (MOURÃO, 2011).

No terceiro tempo do Édipo, ao passo que a criança compreende que não é o falo e que não o tem, o declínio do Complexo dá início. A rivalidade com o pai termina, e esse passa a ser visto como aquele que tem o falo. Inicia a fase de identificação simbólica, isto é, identificação com a insígnia paterna o que corresponde a aquisição do ideal do Eu.

Essa identificação só é permitida se a pessoa que ocupa a função paterna, atua como aquele que de fato tem o falo e não como aquele que é o falo. Por esse motivo, institui novamente o falo enquanto objeto desejado pela mãe e deixa de ser o objeto responsável pela privação da criança. Se encerra a simbolização da lei e define o

lugar correto para qual o desejo da mãe, do Outro, se direciona, lugar esse divergente ao da criança. (MOURÃO, 2011).

Ainda de acordo com Mourão (2011) de agora em diante, o pai é tido como significante paterno, de forma a ser introjetado como Ideal do Eu, tornando possíveis as identificações, que não ao falo. O menino, abre mão de ser o falo da mãe e identifica-se com aquele que ocupa a função paterna. Já a menina recusa ser o falo da mãe, porém identifica-se com a mãe, como aquela que não tem o falo e caminha em direção a buscar o que tem o falo, são os substitutos do pai. Em ambas as situações o causador do desejo é o falo, o que funda a lógica fálica/ a lógica do significante, isto é, o que constitui a castração.

2.3.2 Metáfora Paterna

O processo da simbolização da Lei e das identificações presentes no Complexo de Édipo, diz respeito ao termo trazido por Lacan como Metáfora Paterna. Pois diante da proporção do pai no Édipo levou Lacan a dizer que o pai é uma metáfora e o Complexo de Édipo equivale a um processo metafórico, ou seja, a Metáfora Paterna. Desse modo, pode-se dizer que a Metáfora Paterna é a leitura que Lacan fez do Complexo de Édipo, e é evidenciada por ele como Complexo de castração. (MOURÃO, 2011).

A peculiaridade do Complexo de castração é a de estar posto na dimensão simbólica, em que a substituição do significante fálico para o significante paterno se dá pelo processo metafórico. (MOURÃO, 2011).

A Metáfora Paterna diz respeito a essa transposição substitutiva que é feita, isto é, entre o falo e o pai há uma correlação metafórica, na qual mais do que um signo o falo se torna um significante. Como signo o falo se encontra como imaginário, proporcionando a primeira identificação subjetiva, o Eu ideal. Em relação ao falo enquanto significante estabelece-se a Lei do pai, a lei da castração, correspondendo ao campo simbólico. (MOURÃO, 2011).

Portanto, a metáfora Paterna, ao inserir o significante do Nome-do-Pai na cadeia subjetiva, possibilita ao sujeito utilizar-se desse nome, melhor dito, utilizar-se das palavras do sistema simbólico. (MOURÃO, 2011).

2.3.4 Nome-do-Pai/Lei do Pai

Lacan ao discorrer sobre o complexo de Édipo, apresenta a ideia de Nome-do-Pai. A Lei da castração, ou seja, Lei de interdição do incesto/ Lei do Pai, somente é válida como é, na medida em que o pai é apreendido como significante do desejo da mãe, é inserido como pai simbólico. Porém, por se tratar de lei simbólica, diz respeito a lei do seu significante, portanto é subjetivo. (MOURÃO, 2011).

No entanto, na lógica do significante, para que o pai seja portador da Lei que controla o desejo da mãe, é necessário que ela traga o pai em seu discurso, ou seja, é necessário que ela reconheça e autorize o lugar do pai. (MOURÃO, 2011).

O Nome-do-Pai se refere ao significante que funda a subjetividade frente a um processo designado como metáfora paterna. O pai que Lacan aborda não se refere ao sujeito propriamente dito, ainda que seja preciso intervir enquanto objeto real para dar forma à castração, mas sim como figura detentora do falo. Portanto, o pai se encontra enquanto uma função, ou seja, o pai simbólico (MOURÃO, 2011). É por meio do pai que a Lei é encarnada, o pai nomeia a lei (COSTA, 2010).

Segundo Lacan (1999), a presença do pai não se dá necessariamente, na família, mas por meio do desejo da mãe. Segundo Lacan, o pai é um significante que ocupa o lugar de outro significante, a mãe.

A função do pai no complexo de Édipo é ser um significante que substitui o primeiro significante introduzido na simbolização, o significante materno. Segundo a fórmula que um dia lhes expliquei ser a da metáfora, o pai vem no lugar da mãe, S em lugar de S', sendo S ' a mãe como já ligada a alguma coisa que era o x, ou seja, o significado na relação com a mãe (LACAN, 1999, p.180).

Sendo assim, diante da alienação aos significantes do Outro que inicialmente a criança faz, posteriormente, ocorre a separação, a mãe é descolada desse lugar tão exaltado. É nesse processo de alienação e separação, que a Lei do Pai tem a função de manejar o poder soberano do Outro materno e não deixar que a criança se torne o ponto central na vida da mulher. Bem como a função do pai não permite que a criança permaneça no lugar de objeto da fantasia materna (COSTA, 2010).

2.4 A lógica fálica e a lógica não-toda

2.4.1 A lógica fálica: gozo fálico (gozo masculino) e gozo do Outro (gozo da histérica)

O gozo fálico ou gozo masculino objetiva ter o falo. Esse gozo tem como característica a busca de Um significante (S_1) que falta para que o sujeito consiga ficar inteiro. Ele é o primeiro significante selecionado pelo sujeito para dar nome a falta, a falta simbólica, ou seja, é o significante fálico. O que poderia resolver essa falta é ter ou ser o falo. Sendo assim, o gozo que se forma nessa perspectiva se intitula como gozo fálico. Ele procura uma potência fálica, que se identifique com a figura paterna e seus substitutos (MOURÃO, 2011).

O gozo fálico é a procura pelo significante mestre na cadeia do significante que foi recalcado na Metáfora Paterna, a partir da entrada do S_2 , em que se consolidou a primeira significação ou o próprio sentido que o sujeito conseguiu e se alienou a ele, um sentindo passado pelo Outro, alienando o sujeito e o inserindo na cultura. Visto que o sentido inicial foi perdido, formando o inconsciente como um saber não-sabido, a busca causada pelo gozo fálico é equivalente da procura por um saber, sobre o ser (MOURÃO, 2011).

Assim como o gozo do Outro, o gozo fálico gira e torno do falo, o primeiro diz respeito a posição histérica e o segundo a posição masculina. O gozo do Outro ou gozo da histérica é a busca por ter o falo para o Outro ou ter o falo por meio da equivalência no nível simbólico, aqui um filho equivale ao falo. Nesse gozo, o sujeito visa a ocupar a função do falo de forma a ser um falo para o Outro, ou vivenciando a maternidade, isto é, sendo mãe e pondo o filho como equivalente fálico (MOURÃO, 2011).

2.4.2 A lógica não-toda: o Outro gozo

De acordo com Mourão (2011) o Outro gozo se encontra estruturado no nível da pulsão. Lacan não delimitou apenas a lógica fálica, ele também se propôs a pensar sobre a lógica não-toda fálica, ao tentar teorizar a falta real, em que o objeto a tenta impedir. Através dessa outra lógica há a perspectiva do Outro gozo, complementar ao gozo fálico, representando a posição feminina. Essa posição é divergente da posição

histórica, em que a única forma de gozo é sendo o falo para o Outro ou sendo mãe, ou seja, ter um filho que equivale ao substituto fálico.

Na lógica do Outro gozo, a solução que o sujeito feminino tenta dar ao enlace do ter e não do ser, é aquela em que ele pode não ter o falo. Então o Outro gozo diz respeito ao não saber, o que não significa dizer que é o saber não-sabido (recalcado) do inconsciente. Esse gozo põe o sujeito a existir fora (do simbólico e do imaginário). Essa modalidade de gozo fez Lacan afirmar que toda mulher é não toda, ou seja, não toda direcionada pelo gozo fálico e, portanto, é dele o aforismo: A Mulher não existe (MOURÃO, 2011).

Diante disso, Lacan ao fazer a releitura da obra de Freud, diz que a maternidade não é necessária e que há feminino sem maternidade. Ele separa a mulher da mãe. Embora a mulher possa tentar apaziguar sua feminilidade na maternidade e caminhar em busca da plenitude absoluta que ela acredita conseguir por meio da maternidade, para Lacan a verdadeira mulher é aquela que decide ser mais mulher ou somente mulher do que mãe (ZALCBERG, 2007).

CAPÍTULO III: O LUGAR DA MATERNIDADE NA VIDA DA MULHER

Tentamos percorrer a partir do tema, o contexto histórico da maternidade no ocidente, bem como os principais conceitos da teoria freudiana e lacaniana no que concerne à feminilidade e o desenrolar dela.

De acordo com Badinter (1985) a mulher na antiguidade não era considerada relevante para a origem humana. Era considerada equivalente a Terra e o homem equivalente a Deus em que ela só dava a vida ao ser, por causa do homem. Havia nesse momento uma inexistência da mulher e uma exaltação do homem e do seu poder enquanto tal.

Durante a Idade Média a maternidade não era a moda da época, não havia tanta importância, embora a transmissão do nome fosse relevante, o envolvimento da mulher com o bebê não era valorizado ou ressaltado. Segundo Badinter (1985) a imagem então que se tem da mãe, não a única, mas a que sobressai, é a cruel.

Outra questão problematizada no estudo é se na modernidade havia a ausência do amor materno. E foi possível perceber que alguns acontecimentos levaram a mulher a abandonar seus filhos. No entanto, com a ascensão da burguesia e a

consolidação do capitalismo, os cuidados maternos passam a ser valorizados. Com isso, a forma da criação da criança foi modificada, pois os papéis foram enfatizados. Portanto, a mulher ficou responsável pelos cuidados com a família de forma que a sua função foi exaltada.

No entanto, na contemporaneidade a maternidade se encontra como uma das possibilidades do feminino e não como única e exclusiva. A mulher pode ter outras prioridades em sua vida e inclusive decidir não ter filhos. Outrossim, a sociedade ainda se espanta com a rejeição da mulher pela maternidade. Muitas questões se voltam em torno da maternidade na atualidade e aparecem para a mulher de diferentes formas.

Para Freud a maternidade está amiúde relacionada à lógica fálica, no que se refere a díade mãe-criança. Essa relação supõe que a mãe coloca a criança no lugar do falo e assim ela se torna uma saída para a feminilidade, ao passo que a criança se identifique com o falo para a mãe e reconheça a mãe como fálica, bem como perceba a castração materna (LINARIS, 2010).

Porém com o avanço teórico que Lacan realizou a partir da teoria freudiana, foi possível identificar que, enquanto Freud restringiu uma sexualidade propriamente feminina, ao apontar que a saída bem-sucedida para a feminilidade, é ter um filho, Lacan afirma que a A Mulher, com letra maiúscula não existe, dado que, o que existe é uma mulher, o que leva a pensar sobre a polaridade, as diversas formas de ser mulher. Pois não existe um único desejo, uma vez que, ele é subjetivo, e, portanto, próprio de cada mulher (SOLER, 2005).

No que se refere ao tornar-se mulher, a feminilidade se mostra como algo a ser construído, e que o ponto principal é a relação da menina com a mãe na fase pré-edipiana. Quando a menina percebe a falta do órgão genital masculino, vai em direção ao pai para obter o pênis. Mas ao ser negado pelo pai também, a menina deseja ter um filho a fim de tamponar a falta simbólica (LINARIS, 2010).

Dessa forma, a maternidade se encontra na lógica fálica, visto que, a criança primeiramente tampona o lugar de falo da mãe. Outra questão, é a relação da maternidade com a identificação da mulher com o significante “mãe”, entretanto a maternidade apresenta um outro lado que não se limita ao falo (LINARIS, 2010).

Considerações finais

Iniciamos esse estudo com a indagação sobre o que leva a mulher a desejar a maternidade a partir da sua constituição enquanto sujeito. E é possível pensar que a mulher caminha para o desejo pela maternidade a partir da falta que possui desde o período do complexo de castração, passando pelo complexo de Édipo em que percebe que nela falta algo, ao perceber que não possui o representante do falo, assim como o homem o possui. Dessa forma, encontra na maternidade a maneira de ter o representante, entendendo que o bebê é equivalente ao falo, de forma que a criança se torna o representante principal do desejo. Mas que a maternidade vai mais além.

Para Freud o desejo da mulher poderia ser atendido através da maternidade; contudo, para Lacan a posição considerada feminina, isto é, a via ao gozo Outro, não diz respeito a completude, mas sim para o gozo além do falo. Então, significa dizer que a mulher pode ir em busca da maternidade por meio de outras questões subjetivas que estão para além do falo (SOLER, 2005).

Realizamos uma contextualização histórica acerca da maternidade ao longo do tempo; discorremos de forma breve a perspectiva da feminilidade para a psicanálise e o lugar da maternidade na vida da mulher. Diante disso, pensamos sobre as diversas respostas que a mulher pode dar ao grande Outro. E que desejar a maternidade está relacionado à sua constituição enquanto sujeito, está para além do falo.

Diante da pesquisa, concordamos que atualmente o desejo pela maternidade é apenas uma das várias formas de expressar a subjetividade que está relacionada com a constituição da mulher enquanto sujeito. E que gozar para além do falo é estar de frente para a sua incompletude e se a ver com ela, podendo, por tanto, inclusive o desejar ser mãe ou não.

Referências bibliográficas

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança**. 2ed. Rio de Janeiro: LTC. 2019.
- BADINTER, E. In: O amor ausente. **Um Amor conquistado: o mito do amor materno**. P (25-85).
- BADINTER, E. **O conflito A mãe e a mulher**. Tradução de Véra Lucia dos Reis. Rio de Janeiro: Record, 2011. Tradução de Waltensir Dutra. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BARBOSA, L. M. A concepção de Pandora e a dimensão social da mulher helênica: interfaces entre divindade e ser humano. **Ágora**. Estudos Clássicos em Debate 18 (2016).
- BELO, T. P. Mulheres da Antiguidade: apenas um espelho. **Contra os preconceitos: História e Democracia**. 2017.
- COLETTE, S. In: Che Vuoi? **O que Lacan dizia das mulheres**; tradução, Vera Ribeiro; consultoria, Marco Antonio Coutinho Jorge; - Rio de Janeiro: Zahar, 2005. P (15-36).
- COLETTE, S. In: A mãe. **O que Lacan dizia das mulheres**; tradução, Vera Ribeiro; consultoria, Marco Antonio Coutinho Jorge; - Rio de Janeiro: Zahar, 2005. P (87-117).
- COSTA, Teresinha. **Édipo**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, S. In: Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925). **Amor, Sexualidade, Feminilidade**. Autentica, 2018. P. (259-276).
- FREUD, S. In: Sobre a sexualidade feminina (1931). **Amor, Sexualidade, Feminilidade**. Autentica, 2018. P. (285-311).
- FREUD, S. In: A feminilidade (1933). **Amor, Sexualidade, Feminilidade**. Autentica, 2018. P. (313-345).
- FREUD, Sigmund. In: Três Ensaio sobre a Sexualidade (1905). **Um Caso de Histeria, Três Ensaio sobre a Sexualidade e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.Vol. VII. P. (135-199).
- FREUD, S. In: A organização genital infantil (Uma interpolarização na teoria da sexualidade) (1923). **O Ego e o Id, e outros Trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.Vol. XIX.
- Lacan, J. In: A lógica do Nome-do-Pai, (1957-1958). **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; [tradução de Vera Ribeiro; revisão de Marcus André Vieira].- Rio de Janeiro: Zahar, 1999. P (p. 166-185).
- LINARIS, R. G; FILHO, R. A. P. A relação entre feminilidade e maternidade nas concepções de Freud e Lacan: uma pesquisa teórica. 2010.
- GARCIA-ROZA, L. A. In: O discurso da pulsão: Os três ensaios sobre a sexualidade, **Freud e o inconsciente**. Zahar, 2018. P. (p. 103- 106).
- GRADVOHL, S. M. O; OSIS, M. J. D; MAKUCH, M. Y. Maternidade e Formas de Maternagem—. **Pensando Famílias**, 18(1), jun. 2014, (55-62).

MACEDO, M. M. K; FALCÃO, C. N. B. **Psychê** — Ano IX — nº 15 — São Paulo — jan-jun/2005 — p. 65-76.

MARCOS, C. M. O desejo de ter um filho e a mulher hoje. **Trivium: Estudos Interdisciplinares**, Ano IX, Ed.2, p. 246-256. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2017v2p.246>.

MOURÃO, A. In: Primeiro Lacan: A tópico do simbólico. **Uma aventura no território da falta**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2011. P. (p. 91-98).

ROUDINESCO, E; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Zahar, 1998.

SCAVONE, L. Motherhood: Transformações na família e nas relações de gênero. **Interface-comunicação, saúde e educação**. v.5, n.8, p.47-60, 2001.

SILVA, D. Q; FOLBERG, Maria Nestovsky. De Freud a Lacan: as ideias sobre a feminilidade e a sexualidade feminina. **Estudos de psicanálise**, n. 31, p. 50-59, 2008.

VENÂNCIO, R. P. Maternidade negada. In: DEL PRIORE, M. **História das mulheres no brasil**. Unesp. 2004. P. (189-222).

ZALCBERG, M. In: O lugar do homem na definição de uma mulher. **Amor paixão feminina**. Rio de Janeiro. Elsevier, 2007. P. (67-70).